



CONTEXTO DE USO DA INFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Eixo temático: Gestão e Políticas da Informação
Modalidade: Apresentação Oral

Morgana Bruno Henrique Guimarães
Lais Pereira de Oliveira

1 INTRODUÇÃO

A Sociedade da Informação nos bombardeia com informações a todo instante e em todo lugar. Recebemos informações de outdoors, televisores, folders, internet, revistas, computadores, jornais, rádios e até mesmo pelos celulares e/ou *tablets*. Recebemos informações mesmo quando não procuramos por elas.

Em bases gerais, pode-se dizer que, com o advento da Sociedade da Informação ocorreram grandes e significativas alterações nos suportes de memória, nas noções de tempo e de espaço, o que se reflete, sobremaneira, na relação sujeito/informação/conhecimento (BARRETO, 2005, p. 118). Muita coisa é produzida, compartilhada, difundida e replicada.

Esse “boom” informacional tanto auxilia quanto pode prejudicar. Hoje é muito fácil buscar e/ou produzir uma informação. O acesso aumenta a cada dia, seja pela evolução das tecnologias e dos suportes informacionais, seja pela evolução das unidades de armazenamento da informação, como as Bibliotecas e os Centros de Documentação (CEDOC's) que usufruem dessas evoluções para atualizar e aprimorar seus serviços e produtos.

Por outro lado, esse “mar” informacional exige conhecimento e técnicas para lidar adequadamente com essa quantidade de informações. Assim podemos absorver e nos relacionar com informações úteis e adequadas às nossas necessidades informacionais. Do mesmo modo, fazer uso de todo o potencial gerado com as novas tecnologias para se comunicar, integrar e relacionar.

Portanto, essas técnicas e estratégias devem ser usadas a todo o momento, já que a todo instante recebemos informações, mesmo quando não esperamos ou buscamos por elas. Isso é o que ocorre quando utilizamos as redes sociais. Elas fazem parte de nossas vidas, seja para lazer, socialização ou trabalho. E estão cada vez mais presentes, graças aos aparelhos móveis como celulares e *tablets*. Recebemos notícias, atualizações e mensagens a todo momento, e não possuímos controle sobre isso. Então como fica o contexto do uso informacional dentro das redes sociais?



2 REDES SOCIAIS

Primeiramente, deve-se entender o conceito de rede social. Esse termo se origina na Sociologia desde o início do século XX. Foi apresentado por Georg Simmel (TOMAÉL, 2013. p. 2) enquanto conceito de interação e círculos sociais, que consiste nos diversos grupos sociais que as pessoas participam ao longo da vida: família, escola, academia, amigos e etc.

As interações sociais ocorrem tanto por afinidade de ideias, opiniões e pensamentos, quanto pelo espaço proporcionado para a socialização. Por exemplo, duas ou mais pessoas podem estar no mesmo círculo social por estudarem juntas, mesmo que não compartilhem das mesmas crenças e opiniões; ou um grupo de pessoas que interagem pelas ideias, crenças e opiniões mesmo não pertencendo aos mesmos círculos sociais.

Assim Tomaél (2013, p. 4) define que “uma rede social é formada por um conjunto de atores (nós da rede) e suas ligações” isto é, uma rede social é um grupo de pessoas (podendo também ser organizações) e as ligações ou interações desse grupo com os círculos sociais. A *web* e os sites de relacionamento nos possibilitaram uma interação maior entre os diversos círculos sociais. Dessa forma esses sites e aplicativos de relacionamento passaram a ser chamados, por convenção, de redes sociais.

3 CONTEXTO INFORMACIONAL DAS REDES

A informação, no passado disposta linearmente e sem intervenções, é transformada dia após dia no ensejo das redes sociais. O usuário antes “consumidor”, se torna sujeito ativo e produtor de conteúdos. A *web* trouxe a mudança que ecoa em canais distintos, em várias de suas formas e representações. Conjuntos informacionais produto do coletivo são compartilhados, acessados e vistos por muitos.

A dimensão é enormemente estendida dentro da concepção de rede social. O sujeito faz uma postagem que ganha o mundo em pouco tempo, a partir dos compartilhamentos feitos e da difusão pela grande rede que é a *internet*, sem fronteiras ou impedimentos temporais e físicos. Como indica Barreto (2005, p. 113) ocorre:

o fenômeno da simultaneidade não espacial-historicamente mediada, que cria novas formas de interação e ação, novos tipos de relacionamentos sociais. São alteradas as formas de acesso e circulação da informação que



vão incidir sobre as maneiras de se construir o conhecimento.

Ferramentas como *Twitter*, *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, *MySpace*, *YouTube*, *Badoo*, *Tumblr*, entre outras, se transformam em canais de difusão de vídeos, fotos, som e texto. São formatos os mais diversos, que contam com a participação ativa das pessoas em sua manipulação e distribuição. Redes sociais atingem números enormes de integrantes, surpreendendo a muitos. O alcance do que é produzido extrapola dimensões.

O que não se discute é o uso feito, de fato, das informações. Ainda, o grande potencial que é deixado de lado em prol de transmissões sem conteúdo ou objetivo certo nas redes sociais. Alguns se engajam em campanhas e outras causas, que com a rede tem seu potencial aumentado, podendo atingir grupos inteiros de amigos ou parentes, por exemplo. Cultura, educação, dicas de saúde e utilidades públicas em geral também ganham espaço, de modo que informações referenciais são repassadas podendo alcançar sujeitos que não teriam outra forma de acesso a esse conjunto informacional.

Entretanto, o uso “pessoal” acaba por superar os demais. A interação propiciada pelas redes sociais, sem barreira de tempo e espaço, conecta familiares, conhecidos e amigos das mais diversas partes do mundo. O suporte para que fotos representativas de importantes momentos vividos cheguem ao alcance de quem está longe é real. É possível produzir um vídeo e disponibilizá-lo na *internet*. Uma postagem de protesto também pode ser colocada e vir a ser replicada pelos concordantes, ou mesmo, contestada por grupos contrários.

Além das formas de acesso e utilização, há que se discutir o modo de lidar com o volume de conteúdo produzido. Se o sujeito faz uso de mais de uma rede social, precisa se dedicar e se conectar a ela com frequência, intervir, participar, se fazer presente. Em tese, ler, ver e acessar o que foi postado, o que foi curtido, o que foi compartilhado, as pessoas que seguiram e o que foi atribuído de marcador ou *tag*, por exemplo.

Muita coisa circula diariamente e estar por dentro de tudo exige participação contínua. É esse o fluxo que movimentava as redes sociais. E isso conduz a muitas informações em forma de texto, vídeo, comentário, foto ou outras, de modo que é preciso lidar com elas. Também fazer uso consciente e ao mesmo tempo saber separar mensagens e conteúdos noticiosos falsos, que são do mesmo modo lançados podendo vir a serem difundidos como verdade.

O fato é que a informação é produzida, modificada e disseminada



constantemente através das redes sociais. Rapidamente uma pessoa recebe uma informação, pode acrescentar sua opinião sobre ela e compartilhá-la em sua rede na íntegra ou modificada, de modo a agregar suas interpretações e percepções. Magalhães (2005, p.17) observa que:

vislumbrar a questão informacional sob o ponto de vista antropológico permite que se construa a ideia de práticas de informação como mecanismo de apropriação, rejeição, elaboração de significados sob a perspectiva de uma sociedade onde os sujeitos elaboram suas representações e executam suas práticas através de dispositivos informacionais reinterpretados a partir das suas experiências, onde estão presentes pluralidade e antagonismos.

Portanto, a forma como os sujeitos lidam com a informação dentro das redes sociais apresenta características pessoais e emocionais, o que muitas vezes foge aos padrões acadêmicos. Isto é, nem sempre a informação é verídica ou confiável. O que sobra em certas ocasiões são resquícios transformados a tal ponto que se perde a essência do que eram no início.

Em algumas situações a informação pode ser tão modificada a ponto de mudar completamente (e de forma intencional) o sentido original. Por exemplo: uma entrevista com o Capitão da Seleção Brasileira de Futebol durante a Copa do Mundo 2014, Thiago Silva, elogiando o Grupo (neste caso refere-se à própria seleção) foi compartilhado em grupos do Aplicativo *WhatsApp*. Dessa forma, o fragmento da entrevista se descaracteriza e assume um sentido cômico referindo-se a outras pessoas e a outra situação completamente diferente da mensagem original, mesmo a entrevista não sendo modificada ou editada.

Dentro das Redes *Facebook* e *Google+* também é muito comum o compartilhamento de imagens de filmes, novelas, ou fotografias com legendas que transmitem uma mensagem completamente distante da original. Muitas vezes essas estratégias são intencionalmente utilizadas, já em outras há falhas reais e disseminação incorreta, como atribuir autoria errada a textos e/ou fragmentos.

Algo também muito comum são as notícias que alcançam grande repercussão da noite para o dia. Normalmente há uma manifestação favorável ou desfavorável à notícia de uma forma quase unânime. Essa unidade dura cerca de dois dias a uma semana, depois começam a aparecer postagens contrárias ou piadas de modo a debater e/ou ridicularizar o ocorrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da informação no âmbito das redes sociais tem características peculiares. O que é produzido pelos novos atores sociais, não mais simples



receptores/consumidores/leitores, mas também produtores e criadores de conteúdo, toma uma dimensão que foge aos padrões. Informações chegam a ser distorcidas, utilizadas fora do contexto original ou transmutadas para que se ganhe em humor ou mesmo para atingir uma finalidade dada em uma campanha/publicidade.

O cenário de utilização em meios e suportes tradicionais não é o mesmo verificado nas redes. A começar pela própria dimensão dada aos conjuntos produzidos. Um anônimo pode se tornar celebridade da noite para o dia a depender da quantidade de acessos a um vídeo por ele produzido. Utilizam-se e acessam-se informações ao mesmo tempo em que se replicam, se editam e se reconstróem as mesmas.

O uso de informação nas redes pode inclusive servir a propósitos específicos, conforme a vontade de um grupo, empresa ou de uma pessoa comum. Qualquer um posta informação, lança discussões, se torna sujeito produtor de imagem, texto, comentário e vídeo. A intenção é o fio condutor e pode representar a ascensão ou a derrocada de alguém. Não existem fronteiras, não há validação, e o que foi maldosamente construído pode ser impulsionado nas redes sociais e começar a circular com força de sentido.

O fato é que uma outra dimensão de utilização ganha corpo, por mais que não se dê conta disto. Rede social, seja qual for ela, representa um novo canal e um espaço representativo para que ecoem conteúdos. E os sujeitos nela envolvidos usufruem a seu modo, adaptam às suas necessidades pessoais de comunicação ou simplesmente se deixam levar pelo cotidiano das trocas e dos compartilhamentos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Angela Maria. Informação e conhecimento na era digital. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 111-122, maio/ago. 2005.

LIRA, Waleska Silveira et. al. A busca e o uso da informação nas organizações. **Perspectiva em Ciências da Informação**, v. 13, n. 1, p. 166-183, jan./abr. 2008.

LUSTOSA, Jeová Gomes. **O comportamento informacional de gerentes e pesquisadores do Centro de Pesquisa Agropecuária do Meio-Norte, Embrapa Meio-Norte**. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/EARM-7HARNY>>. Acesso em: out. 2014.

MAGALHÃES, Julianne Teixeira Silva. **Práticas informacionais sob a ótica de um problema da juventude**. Belo Horizonte – MG: Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2005. Disponível em:



<<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VALA-6KFNY7>>. Acesso em: out. 2014.

TOMAEL, Maria Inês; MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais de dois modos: aspectos conceituais. **Transinformação** [online], v. 25, n. 3, 2013, p. 245-253. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862013000300007&lang=pt>. Acesso em: out. 2014.